

ASPECTOS RELACIONAIS DA CRIANÇA COM AUTISMO EM SITUAÇÃO DE BRINCADEIRA

Professor Doutor José Francisco Chicon
UFES
chiconjf@yahoo.com.br

Mestranda Fabiana Zanol Araújo
UFES
fabianazanol@terra.com.br

Eixo Temático 2. Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas
Categoria Pôster de pesquisa

Resumo: O estudo tem por objetivo compreender os aspectos relacionais de crianças com autismo na interação com os colegas e com os adultos durante a realização de brincadeiras em uma brinquedoteca universitária. Como objetivos específicos concebemos: identificar os aspectos relacionais da criança com autismo com os adultos em um contexto inclusivo; analisar a relação da criança com autismo com os colegas na realização de brincadeiras. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, tendo por base os estudos na abordagem histórico-cultural. Para proceder ao estudo de campo, será usada a base de dados organizada pelo professor Dr. José Francisco Chicon, coordenador de uma pesquisa em andamento intitulada “O brincar da criança com autismo na brinquedoteca: inclusão, mediação pedagógica e linguagem”, que teve início em março de 2016, com duração de três anos, e tem apoio da FAPES (Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo). O banco de dados organizado, contém 24 aulas realizadas durante o período de março a novembro de 2016, com registros em videogravação; registros de diário de campo, fotografias e entrevista semiestruturada realizada com os familiares das crianças com autismo integrantes da proposta. Os participantes foram 17 crianças, com idades de três a seis anos, sendo dez crianças não deficientes de um Centro de Educação Infantil (CEI), seis com autismo e uma com síndrome de Down, pertencentes ao município de Vitória/ES. Elas foram atendidas por 13 estagiários do Curso de Educação Física, em um encontro semanal, todas as quintas-feiras, das 14 às 15 horas. Durante as intervenções, os estagiários assumiam funções de conduzir a aula, acompanhar as crianças com deficiência e registrar as aulas por meio de videogravação e fotografias. Esperamos com o resultado da pesquisa encontrar pistas que revelem os modos de interação de crianças com autismo com seus pares e com os adultos na realização de brincadeira em uma brinquedoteca universitária.

Palavras-chave: Educação Física. Autismo infantil. Interação. Brincadeira.

Introdução

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2016), estima-se que existem mais de dois milhões de pessoas com autismo no Brasil, e, com o avanço da legislação em relação à inclusão nas últimas décadas, a inserção dessas crianças com autismo nas escolas vem aumentando. Em consequência, os professores enfrentam dificuldades para educar as crianças no mesmo espaço-tempo de interação e de contribuir para o desenvolvimento dessas crianças de características tão peculiares (SIQUEIRA; CHICON, 2016).

De acordo com estes autores, o estudo sobre o autismo infantil, deve reportar-se ao pioneiro Leo Kanner, que realizou os primeiros trabalhos referentes ao transtorno. A partir de Kanner, os principais estudos sobre o autismo, desde as primeiras publicações até a atualidade, apontam na direção da dificuldade de interação social, da comunicação e de um repertório restrito de atividades e interesses, os quais, são as características marcantes da criança com autismo.

Nesse sentido, uma das maiores dificuldades da criança com autismo, é de estabelecer relações com os adultos e com outras crianças. Contudo, mesmo que a criança com autismo apresente dificuldades de se relacionar, é imprescindível que os adultos (familiares, professores e outros), que são os mediadores no processo de desenvolvimento dessa criança, não a privem da interação com os outros. “É necessário entendermos que [...] [a criança] com autismo é um ser humano, uma pessoa em formação, com desejos, medos, angústias etc. e é por meio da interação social, que irá formar-se como pessoa, para além do autismo” (SIQUEIRA; CHICON, 2016, p. 44).

Referencial teórico

Segundo a Autism Society of América (ASA, 2000) — o autismo é um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido de um ponto de vista comportamental, com etiologias múltiplas e graus variados de severidade. Para Oliveira e Victor

(2016, p. 3) “O autismo é uma síndrome cujas principais características definidas nos manuais diagnósticos têm sido os comprometimentos na interação social, na comunicação e na imaginação”.

Nos reportando a literatura sobre o assunto, identificamos que autores como Jordan (2000), Orrú (2007), Chiote (2011), Chicon et al. (2016), Oliveira et al. (2016), reconhecem a dificuldade de interação das crianças com autismo com outras crianças, mesmo assim, são otimistas em afirmar melhoras positivas nesse comportamento, quando colocadas em um ambiente educacional acolhedor e que acredita no potencial humano.

Nesse sentido, apoiados nos postulados da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano (VIGOTSKI, 1982, 1997), entendemos que avanços nas interações sociais em crianças com autismo ocorrerão na medida em que o contexto em que vivem lhes possibilitem ricas experiências de interação e de interlocução. Pois, o homem é um ser eminentemente social, e, quando a sua capacidade para interagir com os outros está comprometida, fica condicionada a sua vida social.

De acordo com Jordan (2000, p. 33), "A interação social pode ser compreendida como a capacidade de responder e de iniciar comportamentos sociais dentro dos diferentes contextos que, pela sua natureza, estão em constantes mutações".

Assim sendo, o aprendizado e o desenvolvimento das crianças com autismo precisam de tempo e espaço para acontecer, porque sua realização não é fácil e nem imediata. Supõe entregar-se e confiar na possibilidade de promover atividades lúdicas que favoreçam a aprendizagem, que só se confirmará pouco a pouco no encanto do seu desenvolvimento. Um espaço que supõe coordenar pontos de vista, prestar atenção a muitos detalhes, criar possibilidades, reorganizar a vida e melhorar ou aprofundar as estruturas (cognitivas, afetivas, sociais, psicomotoras etc.) (OLIVEIRA; VICTOR, 2016).

Os autores **percussores** da abordagem histórico-cultural (VIGOTSKI, 2007; LEONTIEV, 1986) consideram que o desenvolvimento psíquico da criança ocorre, principalmente, com o brincar. A atividade lúdica é, assim, uma das formas pelas quais a criança se apropria do mundo e pela qual o mundo humano penetra em seu processo de constituição, enquanto sujeito histórico. A teoria histórico-cultural aborda o brincar, privilegiando sua participação fundamental na constituição do sujeito, orientado para o futuro.

Para Oliveira et al. (2016, p. 2) “A brincadeira pode propiciar uma situação de maior leveza, descontração e espontaneidade nas relações interpessoais e na ação das crianças. Nesse contexto, é ressaltada também a participação do professor, de forma a incentivar a criança a brincar”. Assim, as investigações realizadas no espaço da brinquedoteca universitária, pelo grupo de estudos no qual fazemos parte, apontam que as pesquisas com atividades lúdicas numa perspectiva inclusiva facilitam a interação da criança com autismo com os adultos e com as outras crianças por meio da mediação do outro.

Dessa forma, se por um lado compreendemos a dificuldade da criança com autismo de interagir com crianças e adultos, por outro sabemos que é somente estabelecendo relações que ela será capaz de aprender e se desenvolver, o que nos coloca o desafio de estudar seus processos relacionais, norteados pelas seguintes questões: como ocorre a interação da criança com diagnóstico de autismo em relação aos colegas e aos adultos em situação de brincadeiras? Essas crianças respondem com reciprocidade às situações de brincadeiras dirigidas a elas?

Objetivos

Em frente a essas questões, para o desenvolvimento deste estudo, elaboramos como objetivo geral: compreender os aspectos relacionais de uma criança com autismo na interação com os colegas e com os adultos durante a realização de brincadeiras em uma brinquedoteca universitária. E objetivos específicos: a)

identificar os aspectos relacionais da criança com autismo com os adultos em um contexto inclusivo; e b) analisar a relação da criança com autismo com os colegas na realização de brincadeiras.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, assim, Ludke e André (2013) enfatizam que os estudos de caso podem ser instrumentos valiosos, pois possibilitam descrever ações e comportamentos, captar significados, analisar interações, compreender e interpretar linguagens, estudar representações, sem desvinculá-los do contexto em que se manifestam, tendo por base os estudos na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano (VIGOTSKI, 1982, 1997).

Para proceder ao estudo de campo, será usada a base de dados organizada pelo professor Dr. José Francisco Chicon, coordenador de uma pesquisa em andamento intitulada “O brincar da criança com autismo na brinquedoteca: inclusão, mediação pedagógica e linguagem”, que teve início em março de 2016, com duração de três anos, e tem apoio da FAPES (Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo).

O banco de dados organizado, contém 24 aulas realizadas durante o período de março a novembro de 2016, com registros em videogravação; diário de campo, fotografias e entrevista semiestruturada realizada com os familiares das crianças com autismo integrantes da proposta. Os participantes foram 17 crianças, com idades de três a seis anos, sendo dez crianças não deficientes de um Centro de Educação Infantil (CEI), seis com autismo e uma com síndrome de Down, pertencentes ao município de Vitória/ES.

Cabe salientar que, para os fins deste estudo e delimitação da investigação, imergimos no conteúdo dos vídeos e elegemos, dentre os participantes, como

sujeitos foco, uma professora/brinquedista e uma das crianças com diagnóstico de autismo.

Traços sociais do desenvolvimento da criança com/sem autismo

Segundo Vigotski (2007), a origem do desenvolvimento do bebê (ontogênese ou história pessoal) é constituída pelas funções naturais ou biológicas e pelas funções culturais, quando as duas fundem-se entre si. As funções biológicas transformam-se sobre a ação da cultura, por outro lado, a cultura tem o suporte nas funções biológicas para constituir-se.

De acordo com Pino (2005), a criança começa a atribuir em seu repertório de condutas, tudo aquilo que ela assimilou nas formas sociais de comportamento. Vigotski (2007) afirma que o signo é uma forma de contato social, um meio de afetar os outros, e só depois, torna-se um meio de afetar a si mesmo. Nessa perspectiva, o desenvolvimento cultural do ser humano está baseado no uso de signos.

Nesse sentido, o autor estendeu o conceito de mediação na interação sujeito/ambiente pelo uso de instrumentos (machado, martelo etc., que ampliam as possibilidades de ação do ser humano sobre a natureza) ao uso de signos (linguagem, escrita, números etc., instrumentos psicológicos), em que o homem se relaciona com o mundo por meio da mediação do uso de instrumentos e signos.

Vigotski (2007) enfatiza que ao internalizar os sistemas de signos produzidos na cultura, os sujeitos se transformam e estabelecem um elo entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento do indivíduo. É na passagem do plano natural para o simbólico que a criança se humaniza, torna-se um ser cultural e passa a ocupar um lugar nas práticas sociais.

Na abordagem histórico cultural, o sujeito com e sem deficiência/autismo desenvolve-se criando formas de se relacionar com os seus pares e com o mundo por meio da mediação do outro. Quando, por exemplo, a criança passa a usar um conceito que aprendeu no social, só vai ampliar a sua compreensão quando o internalizar e puder pensar sobre ele.

O aprendizado acontece a partir de diversos elementos e ações que se estabelecem ao longo da vida, e não apenas por fatores biológicos. Nesse processo, sem dúvida, a interação e a brincadeira com outros indivíduos desempenham papel fundamental no desenvolvimento infantil. Quanto mais cedo as crianças se relacionam entre si, mais benefícios elas terão, tendo em vista as experiências e aprendizagens que resultam dessas ações compartilhadas, pois, nessa troca, cada sujeito modifica a maneira de se emocionar, de perceber, de memorizar, de imaginar e assim por diante.

Ao entrar na escola, ainda na Educação Infantil, as relações se ampliam e as crianças passam a interagir com outros adultos e colegas, que vieram de diferentes famílias, com culturas, valores e atitudes distintas. Compreende-se que a criança se constitui e se desenvolve pelas interações, relações e práticas sociais a ela proporcionadas e por ela estabelecidas, com adultos e crianças de diversas origens, nos contextos em que ela se insere.

A mediação e interferências que os adultos realizam junto às crianças com e sem deficiência/autismo são de fundamental importância, principalmente se os adultos buscam potencializar, qualificar e ampliar as expressões e manifestações socializadoras delas.

A criança é afetada em seu comportamento social por fatores como: suas relações em casa com seus pais e irmãos, a relação entre outros membros da família, com vizinhos e outros. No entanto, para Hay (2005), a aceitação pelos pares é mais diretamente afetada pelo comportamento da própria criança. As crianças anunciam seus desejos, suas interpretações, suas satisfações, seus

encantamentos, seus contentamentos e descontentamentos, de forma histórica e socialmente.

O modo peculiar de ser e estar no mundo da criança com autismo, muitas vezes, acaba afastando outras crianças que não compreendem sua forma de agir, exigindo estratégias de sensibilização e esclarecimento para que possam reconhecer e aceitar os colegas com autismo em sua diferença/diversidade. Vigotski (2007) enfatiza que as qualidades humanas são um complexo que se desenvolvem de maneira histórica, social e culturalmente.

Sendo assim, faz sentido afirmar que as crianças formam suas humanidades pelas relações sociais contínuas. Logo, devemos estimular as interações sociais da criança com autismo, valorizando e compreendendo sua forma peculiar de se relacionar com os seus pares, com os adultos e com o mundo seja pela expressão de afetividade, emoções e sentimentos (constituição de vínculos), seja pela compreensão da dimensão corporal entre os sujeitos com e sem autismo.

Apresentação, análise e discussão dos dados (em construção)

Nosso olhar para os dados partirá de algumas categorias a priori, como a dimensão corporal, a constituição de vínculos, afeto e emoção na relação com os colegas e adultos, e outras categorias que emergirão de nossa incursão sobre esses dados, e a sua relação com os colegas na realização de brincadeiras.

Considerações finais (em construção)

Esperamos com o resultado da pesquisa encontrar pistas que revelem os modos de interação de crianças com autismo com seus pares e com os adultos na realização de brincadeira em uma brinquedoteca universitária.

Referências

AUTISM SOCIETY OF AMERICA. **What is autism?** Advocate: The newsletter of the Autism Society of America, 33, 3. Guidelines for theories and practices. 2000.

CHICON, J. F. et al. **Educação física e inclusão: a mediação pedagógica do professor na brinquedoteca.** Movimento Revista da Escola de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v.22, n. 1, p. 279-292, jan./mar. 2016.

CHIOTE, F. de A. B. **A mediação pedagógica no desenvolvimento do brincar da criança com autismo na educação infantil.** 2011. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

HAY, D. F. **Relações entre pares na infância e seu impacto sobre o desenvolvimento das crianças.** Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância. Universidade Cardiff, País de Gales, março 2005

JORDAN, R. **Educação de crianças e jovens com autismo.** Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000.

LEONTIEV, A. **O homem e a cultura.** In O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1986, p. 257-284.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, I. M. de; VICTOR, S. L.; CHICON, J. F. **Montando um quebra-cabeça: a criança com autismo, o brinquedo e o outro.** Revista COCAR, Belém, v.10, n.20, p. 73 a 96 – ago./dez. 2016.

ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo, linguagem e educação:** interação social no cotidiano escolar. São Paulo: Wak, 2007.

PINO, A. **As marcas do humano:** às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

SIQUEIRA, M. F., CHICON, J. F. **Educação Física, Autismo e Inclusão:** Resignificando a Prática Pedagógica. 1.ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L.S. **Obras escolhidas.** Volume III. Madrid, Visor, 1982.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas:** fundamentos de defectología. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.